



Vida judaica em Belém do Pará: o registro de Isaac P. Melul¹

Jewish Life in Belém do Pará: The Registration By Isaac P. Melul

Adriana Abuhab Bialski**

São Paulo, Brasil

abialski2015@gmail.com

Nancy Rozenchan*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

nrozench@usp.br

Resumo: A caderneta intitulada *Piyutim de Isaac P. Melul*, do acervo do Museu Judaico de São Paulo, precioso documento não só pelo seu conteúdo principal – uma coletânea de poemas litúrgicos hebraicos – mas pelas mais variadas informações registradas por aquele que foi conhecido como Seu Melul – é objeto deste texto. Os diversos dados nele incluídos, ao trazerem variados aspectos da vida judaica de Belém do Pará no século XX, ajudam a compor o perfil daquela que foi a segunda comunidade judaica do país.

Palavras-chave: Isaac P. Melul. Belém do Pará. Judaísmo.

Abstract: The booklet titled *Piyutim by Isaac P. Melul*, from the collection of the Jewish Museum of São Paulo, a precious document not only for its main content – a collection of Hebrew liturgical poems – but for the most varied information recorded by the one who was known as Seu Melul – is the object of this text. The various data included in it, by bringing different aspects of Jewish life in Belém do Pará in the 20th century, help to compose the profile of what was the second Jewish community in the country.

Keywords: Isaac P. Melul. Belém do Pará. Judaism.

Vários materiais doados ao Museu Judaico de São Paulo (Fig. 1) não raro nos maravilham pelo seu visual e teor, assim como por contribuírem para o conhecimento de um segmento específico da comunidade judaica brasileira. Outras peças são valiosos registros únicos da presença de judeus no Brasil. São pouco os objetos do museu procedentes do norte do país; eles surpreendem por aquilo que revelam sobre a vinda e o assentamento de judeus marroquinos na Amazônia, em especial no Pará, deslocamento que teve início há aproximadamente duzentos anos. Judeus sefarditas

¹ Agradeço ao Museu Judaico de São Paulo por me apresentar esta peça do seu acervo e pela autorização do uso das imagens neste artigo.

** Economista pela Universidade de São Paulo (USP) e mestra em Letras: Estudos Judaicos pela mesma instituição.

* Professora Sênior da Universidade de São Paulo (USP), ensaísta e tradutora.



de origem marroquina e suas diversas gerações de descendentes brasileiros são parte da história local.



Figura 1 – Museu Judaico de São Paulo, Brasil.²

Em uma das categorias de documentos do acervo do museu, as *ketubot*, (Fig. 2) documentos do contrato de casamento judaico,³ redigidos, como de hábito, em aramaico – já encontramos uma das peculiaridades referentes à região. Elas contêm, como fator indicador de localização, o nome do rio junto ao qual se encontrava a localidade onde a cerimônia foi celebrada. O Rio Tocantins consta em um dos documentos de 1886.



Figura 2 – *Ketubá*: Contrato de casamento.⁴

² Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasan.

³ Doação de Piedade Epstein Grinberg.

⁴ Fonte: Acervo do Centro de Documentação do Museu Judaico de São Paulo.



Alguns usos trazidos do Marrocos foram específicos dessas populações. Dentre as línguas que esses imigrantes sefarditas falaram, destacou-se a haquetia, língua ágrafa. A haquetia, reconhecida pela Real Academia de Letras da Espanha como um dialeto judeu-hispano-marroquino, foi a língua das comunidades judaicas do norte de Marrocos. A haquetia era falada no recesso dos lares, na intimidade das conversações, nos mercados, nos pátios das sinagogas. Usada na fala diária, temperada com muitos ditos, quase uma linguagem de código, servia para discutir, ofender, arrepender-se, ou seja, os contextos de uso em que se manifesta uma forte carga afetiva. É uma linguagem que, com o passar do tempo, foi sendo deixada de lado no Brasil. Consiste principalmente em espanhol antigo, com acréscimos em hebraico e árabe, e influências de outros idiomas. Na haquetia, os termos semíticos sofreram hispanização das terminações verbais; a mudança fonética mais marcante é a substituição do som *sh* por *s*. Essa alteração foi evidente também na transcrição do hebraico para o português, conforme se verifica em diversos registros escritos.

Outra especificidade dessa comunidade foi o *solitreu* (ou *solitreo*), (Fig. 3), grafia cursiva do hebraico utilizada pelos sefarditas. Com frequência usaram também o que denominam de “letras quadradas”, ou seja, letras de forma, na escrita. Por respeitarem o hebraico como língua sagrada, o uso da grafia cursiva para assuntos laicos era comedido. No século XX o *solitreu* perdeu o seu papel ante a escrita cursiva asquenaze.

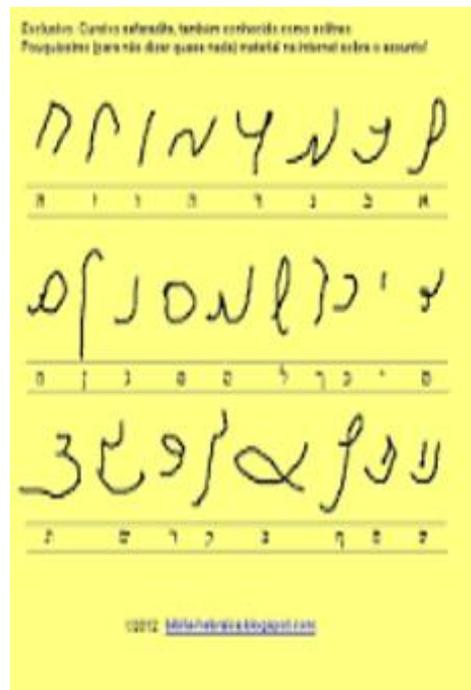


Figura 3 – Alfabeto em grafia *solitreo*.⁵

⁵ Fonte: <https://3.bp.blogspot.com/--d8uX3q-4wU/T1tPWEKVO4I/AAAAAAAAAASo/pR4QRXiQnI8/s320/Solitreo.bmp>. Acesso em: 12 set. 2021.



Além da intensa prática religiosa, o Sionismo foi a linha mestra da comunidade, como o comprova o jornal *Kol Israel* (A voz de Israel), (Fig. 4) fundado em 1918 pelo Major Eliezer Moisés Levy,⁶ destinado a divulgar o ideal do estabelecimento do lar nacional judaico na Palestina. Como de hábito, na época, o jornal, em português, abordou igualmente eventos sociais da comunidade judaica, como casamentos, nascimentos, aniversários. De interesse particular, destacam-se principalmente as notícias dando conta de agruras sofridas por membros da comunidade nas localidades distantes, vítimas de ataques xenófobos⁷ que atingiram no Pará tanto judeus como outros grupos de estrangeiros.⁸ O Major Eliezer Levy, duas vezes prefeito de Macapá, é até hoje lembrado com nomes de logradouros públicos.

⁶ Major Eliezer Moisés Levy (Gurupá (?)-Belém, 1947).

⁷ Os atentados ao comércio do Baixo Amazonas: “[...] coronel Pessôa Netto, como chefe ostensivo dos bandoleiros, tendo declarado no seu depoimento que o movimento era contra os hebraicos, querendo reduzir a Amazônia a uma mouraria, [...]” (*Kol Israel*, n. 20, 20 jan. 2021).

⁸ O primeiro ataque racista do Brasil independente ocorreu em 1832, durante a revolta paraense conhecida como Cabanagem, quando dois judeus e alguns ingleses foram mortos numa onda de xenofobia contra estrangeiros. Em 1901, nas localidades de Cametá, Baião, Mocajuba, Araquereruba, Mangabeira, Prainha, avançando pelas margens dos rios, onde os judeus tinham suas casas-armazéns, geralmente nos igarapés do "jacob", do "isaac" ou do "moisés" ocorreram distúrbios. Foi quando ficou conhecido o episódio do "mata-judeu" e o massacre de Massauari, em Maués. Pilhagens e saques do comércio judeu fizeram com que a comunidade buscasse refúgio em Belém (Cf. HELLER, 2019).



Figura 4 – Jornal Kol Israel.⁹

Kol Israel, (Fig. 5), documento de registro único, foi publicado de 1918 até 1926. Dentre outros itens registrados pelo jornal constam a fundação do Comitê “Ahavat Sion” (Amor a Sion) coincidindo com o armistício que pôs fim à Primeira guerra, em 11 de novembro de 1918, a primeira associação sionista no norte do Brasil, a fundação, em 1919, do Externato Misto Chaim Weitzmann, do Grêmio Literário e Recreativo Theodoro Herzl.

⁹ Fonte: Acervo do Centro de Documentação do Museu Judaico de São Paulo.



Figura 5 – Jornal *Kol Israel*.¹⁰

Em 1923, seguiu-se a fundação da biblioteca Max Nordau, (Fig. 6), assim definida:

lugar onde a mocidade poderá obter conhecimentos sobre sua origem e orgulhar-se de pertencer a uma raça ativa e tenaz, que tem dado ao mundo uma prova de civismo e que, com seu profundo conhecimento nas ciências, artes e letras, tem concorrido para o progresso de civilização, segundo o registro de seu discurso de inauguração.¹¹

¹⁰ Fonte: Acervo do Centro de Documentação do Museu Judaico de São Paulo.

¹¹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eliezer_Levy. Acesso em: 21 nov. 2021.



Figura 6 – Jornal *Kol Israel*.¹²

O documento mais incomum referente ao Pará chegou ao museu com o título que consta na capa – *Piyutim de Isaac P. Melul*, (Fig. 7). A consulta ao conteúdo indica que o título é insuficiente para englobar tudo o que ali consta. O livrinho se revelou como o mais interessante documento sobre a comunidade judaica do Estado do Pará, único no seu caráter.



Figura 7 – A caderneta de Isaac P. Melul.¹³

¹² Fonte: Acervo do Centro de Documentação do Museu Judaico de São Paulo.

¹³ Fonte: *Amazônia Judaica*. Disponível em: www.amazoniajudaica.org. Acesso em: 21 nov. 2021.



O livrinho, ou caderneta, ao qual possivelmente faltem páginas, contém registros em sequência incerta. Tem aproximadamente uma centena de páginas e pertenceu a Isaac Pin'has Melul, ou Seu Melul, como era conhecido (Fig. 8).



Figura 8 – Isaac P. Melul e familiares.

O título original, *Piyutim de Isaac P. Melul* – poemas litúrgicos de Isaac P. Melul –, informa um dos seus conteúdos, mas seu teor é um apanhado abrangente da vida judaica belemense durante algumas décadas do século passado.

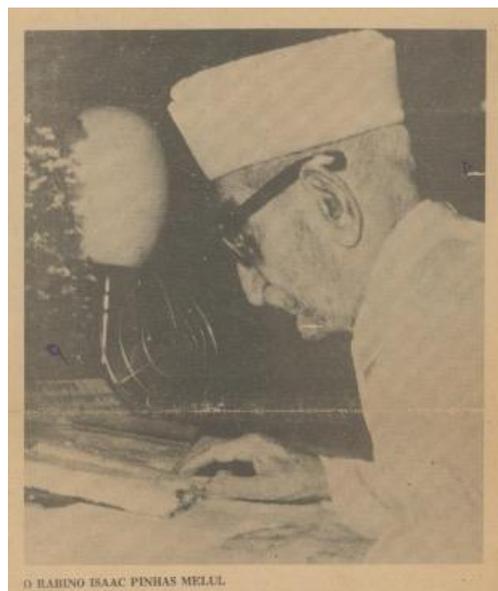


Figura 9 – Isaac P. Melul.¹⁴

¹⁴ Fonte: Acervo do Centro de Documentação do Museu Judaico de São Paulo.



Original de Tanger, no Marrocos, onde nasceu em 1868, Melul chegou ao Brasil aos 18 anos, após a morte da mãe, a chamado de um colega, no auge do ciclo da borracha na Amazônia (Fig. 9). Em 1886, estabeleceu-se inicialmente no interior do Estado do Pará, naturalizou-se em 1895, casou-se em 1898 com Mary Benchimol, teve cinco filhas e quatro filhos. Viveu em Baião, junto ao Rio Tocantins; teve duas casas comerciais, uma em Braga e outra em Mutuacá. Após episódios de pilhagem e saques, Melul, tendo permanecido dez anos no local e ali perdido todos os bens, transferiu-se para a capital do Estado onde, por setenta anos, dedicou-se apenas à prática religiosa judaica própria e em benefício da comunidade, atividade que o tornou conhecido pelo termo hebraico *saliah*.¹⁵ Atuou como uma espécie de chefe espiritual da comunidade. Segundo registros formais, consta que falava hebraico, árabe, francês e português. Nas suas funções, destacou-se pelo espírito conciliador e a modéstia.

Faleceu em 1974, aos 105 anos de idade. A doadora da caderneta, Alegria Dahan, neta de Melul, informou que o destino do livrinho seria o lixo. A caderneta de Melul não contém nenhum registro confirmando o cargo de rabino, mas foi assim que ele ficou conhecido. Testemunhos de quem o conheceu informam que ele atuou em todas as cerimônias para as quais foi chamado.

O livrinho de Melul abrange *piyutim*, registro de casamentos e outros eventos por ele conduzidos, um arrazoado sobre a atividade de *shochet*,¹⁶ enigmas, transcrição de uma cantiga, cópia do hino de Israel, cópia de amuletos, registro de moléstia, cura, datas do calendário hebraico. Devido ao estado precário, a capa não foi removida e, assim, não se pode dizer qual maço de papel se apôs a qual, se a capa dura é original de um conjunto de *piyutim* impressos ao qual se acrescentaram maços costurados, de páginas pautadas, ou o inverso. Não se pode inferir se o conjunto é trabalho de encadernação. Alguns poucos papéis avulsos, encontrados dentro da caderneta, foram mantidos nos mesmos lugares onde foram deixados.

Esse caderno é um tesouro de conhecimento sobre o passado judaico. Melul anotou a mão todo tipo de informações, algumas entendidas como registro, e outras, como guia de atuação. Contém algumas páginas hebraicas impressas, sendo as demais manuscritas em hebraico, espanhol e português, e, eventualmente em aramaico, em páginas pautadas, em conjuntos irregulares de sequências.

Como *piyut* foi o título anunciado, cabe-lhe a primazia da apresentação do seu teor e algumas informações adjacentes. Parte deles é impressa, e parte, manuscrita. Alguns deles tem títulos indicando o propósito a que se destinavam. Quanto àqueles copiados à mão, às vezes a identificação se torna possível quando a primeira palavra de cada

¹⁵ Do hebraico *shaliach* ou *shaliach tsibur*, membro da comunidade que, com a anuência de seus pares, conduz as orações e outras atividades em nome de todos. Na pronúncia típica dos falantes de haquetia, o som *sh* foi substituído pelo *s*.

¹⁶ Abatedor de carnes para consumo, segundo o ritual judaico.



estrofe é grafada em letra de forma, estilo que também serve para adornar, ainda que modestamente, o poema.

O *piyut*, o poema litúrgico, é uma forma de expressão de apreço à divindade, uma forma poética conhecida desde o século V, o seu período clássico. Não se trata de oração e, por esse motivo, pode ser incluído ou não nos livros de rezas. A escolha do *piyut* depende do gosto pessoal de quem o cantará, de sua respectiva comunidade e da ocasião apropriada. Suas características poéticas são notáveis e obedecem a modelos diversos que variam conforme o país onde foram escritos, dos temas e objetivos de homenagem específicos: há modelos para as festas judaicas, textos bíblicos, eventos familiares como celebrações de *brit-milá*¹⁷ (Fig. 10) ou *bar-mitsvá*.¹⁸ Alguns *piyutim* da caderneta têm títulos indicando o propósito a que se destinavam.



Figura 10 – Piyut para Brit Milá.¹⁹

O site israelense *Hazmaná lepiyut – An invitation to pyut* – Centro de Pesquisa de Música Judaica – assim define o sentido do *piyut*:²⁰

¹⁷ Cerimônia da circuncisão.

¹⁸ Cerimônia da maioridade religiosa dos meninos.

¹⁹ Fonte: Acervo do Centro de Documentação do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

²⁰ Disponível em: <http://old.piyut.org.il/about/english/>. Acesso em: 21 nov. 2021.



The *piyut* purifies and refines key components of Hebrew culture into a totality: language, music, mysticism, *piyut*, legend, philosophy, and prayer, as well as personal, family, and national stories and emotions. The singing of *piyut* makes it possible to experience this totality in its deepest sense.²¹

Piyut é um ramo popular e importante da rica literatura rabínica multifacetada dos judeus marroquinos. Foi cultivado entusiasticamente naquele país. Além dos mais elaborados, eram também compostos em hebraico coloquial e em árabe falado. Eram tão queridos dos judeus marroquinos que não havia oportunidade ou ocasião de algum evento que não fosse por eles adornados. Esses *piyutim* foram cantados em sinagogas e casas particulares, durante feriados e celebrações familiares, em melodias árabes e andaluzas populares. Eram apreciados pelos judeus marroquinos não apenas por causa de sua música folclórica, mas também por causa de seu conteúdo bíblico e a riqueza dos louvores e ensinamentos transmitidos.

Cada tipo ou modelo de *piyut* é vinculado a uma parte específica das orações e, muitas vezes, também só é cantado em datas específicas, portanto não é entoado aleatoriamente. O *piyut* “Ashira keshirat Moshê”, (Fig. 11) cuja tradução se segue, é cantado particularmente pelos judeus originários do Marrocos e sua autoria é desconhecida. É introdutório ao “Cântico do Mar”²² recitada na oração da manhã. O *piyut* enumera os oito cânticos entoados por grandes figuras bíblicas.

²¹ O *piyut* purifica e refina componentes-chave da cultura hebraica em uma totalidade: linguagem, música, misticismo, história, lenda, filosofia e oração, bem como histórias e emoções pessoais, familiares e nacionais. Cantar o *piyut* permite vivenciar essa totalidade em seu sentido mais profundo. Disponível em <http://old.piyut.org.il/about/>. Acesso em: 21 nov. 21. (A tradução deste e dos demais são minhas).

²² O “Cântico do Mar” é um poema no Livro do Êxodo, da Bíblia Hebraica, em Êxodo 15: 1-18.



Figura 11 – Piyut Shirat hayam – Piyut Cântico do mar²³

Cantarei como o cântico de Moisés, um cântico que não será esquecido

Então cantará Moisés as palavras do cântico

Cantarei o cântico de Miriam à beira-mar

E cantará Miriam as palavras do cântico

Cantarei o cântico de Josué no Monte Guilboa

E cantará Josué as palavras do cântico

Cantarei como o cântico de Débora no Monte Tabor

E cantará Débora as palavras do cântico

Cantarei como o cântico de Hana com seu marido Elcaná

E cantará Hana as palavras do cântico

Cantarei como o cântico de Davi melodias crescerá

E dirá Davi as palavras do Cântico

Cantarei como o cântico de Salomão na coroa com que sua mãe o coroou

O Cântico dos Cânticos de Salomão

Cantarei como o cântico de Israel na vinda do Redentor

Então Israel cantará as palavras do cântico

Então cantará Moisés e o povo de Israel (Fig. 12)²⁴

²³ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

²⁴ Na mídia eletrônica, há diversas gravações do texto cantado na entonação andaluza típica de marroquinos.



Cantarei como o cântico de Moisés, um cântico que não será esquecido
Então cantará Moisés as palavras do cântico
Cantarei o cântico de Miriam à beira mar
E cantará Miriam as palavras do cântico
Cantarei o cântico de Josué no Monte Guilboa
E cantará Josué as palavras do cântico
Cantarei como o cântico de Débora no Monte Tabor
E cantará Débora as palavras do cântico
Cantarei como o cântico de Hana com seu marido Elcaná
E cantará Hana as palavras do cântico
Cantarei como o cântico de Davi melodias crescerá
E dirá Davi as palavras do Cântico
Cantarei como o cântico de Salomão na coroa com que sua mãe o coroou
O Cântico dos Cânticos de Salomão
Cantarei como o cântico de Israel na vinda do Redentor
Então Israel cantará as palavras do cântico
Então cantará Moisés e o povo de Israel

(Tradução do hebraico: Nancy Rozenchan)

Fonte: Site *Atar hapiyut vehatefilá* Fotografia: Nancy Rozenchan

אֲשִׁירָה קְשִׁירַת מֹשֶׁה שִׁיר לֹא יִנָּשֶׁה
אֲז יִשִּׁיר מֹשֶׁה אֶת דְּבָרֵי הַשִּׁירָה

אֲשִׁירָה קְשִׁירַת מִרְיָם עַל שַׁפַּת הַיָּם
וְתִשָּׂר מִרְיָם אֶת דְּבָרֵי הַשִּׁירָה

אֲשִׁירָה קְשִׁירַת יְהוֹשֻׁעַ בְּהַר הַגִּלְבּוּעַ
אֲז יִשִּׁיר יְהוֹשֻׁעַ אֶת דְּבָרֵי הַשִּׁירָה

אֲשִׁירָה קְשִׁירַת דְּבוֹרָה בְּהַר תַּבּוֹרָה
וְתִשָּׂר דְּבוֹרָה אֶת דְּבָרֵי הַשִּׁירָה

אֲשִׁירָה קְשִׁירַת חַנָּה עִם בַּעֲלָהּ אֶלְקָנָה
וְתִשָּׂר חַנָּה אֶת דְּבָרֵי הַשִּׁירָה

אֲשִׁירָה קְשִׁירַת דָּוִד מִזְמוֹרִים יְצִמִיד
וְיִדְבֵר דָּוִד אֶת דְּבָרֵי הַשִּׁירָה

אֲשִׁירָה קְשִׁירַת שְׁלֵמָה בְּעֵטְרָה שְׁעֵטְרָה לוֹ אִמּוֹ
שִׁיר הַשִּׁירִים אֲשֶׁר לְשְׁלֵמָה

אֲשִׁירָה קְשִׁירַת יִשְׂרָאֵל בְּבִיאַת הַגּוֹאֵל
אֲז יִשִּׁיר יִשְׂרָאֵל אֶת דְּבָרֵי הַשִּׁירָה

אֲז יִשִּׁיר מֹשֶׁה וּבְנֵי יִשְׂרָאֵל

Figura 12 – Piyut Shirat hayam – Piyut Cântico do Mar.²⁵

O fato de alguns dos *piyutim* de Melul serem impressos e outros, manuscritos, pode indicar que o número dos primeiros, cujas páginas iniciais são faltantes, era insuficiente para atender às cerimônias e o gosto local. Há eventos para os quais constam dois ou mais *piyutim* diferentes. A leitura deles é dificultada pelo desgaste devido ao uso, por partes que se perderam e por estarem copiados na grafia *solitreo*.

Os *piyutim* impressos atendem aos temas de “Cântico do Mar”, dez mandamentos, circuncisão, colocação dos filactérios, bênção das árvores. Dentre os *piyutim* manuscritos, é possível discernir os que abordam a subida ao púlpito para a leitura da Torá na cerimônia de *bar mitsvá* a serem lidos pelo pai do menino homenageado. Alguns textos manuscritos são referentes às bênçãos das festas de *Shavuot* e *Purim*.

À parte os mencionados *piyutim*, um dos temas preferidos dos judeus provenientes do Marrocos são aqueles dedicados a personagens consideradas os “justos” ou “santos”, os *tsadikim*. Na caderneta de Melul encontram-se *piyutim* dedicados a três dessas personalidades para o dia da respectiva *hilulá*, celebração alegre no dia do aniversário de sua morte: Rabi Shim'on Bar-Yochái, (Fig. 13), Rabi Meír Baál Hanês e Rabi Its'hac Walid, (Fig. 14), todos considerados milagrosos. A *hilulá* de Bar-Yochái, que viveu no século II na Galileia, ocorre na festa judaica de *Lag Baômer*.

²⁵ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Nancy Rozenchan.



Figura 13 – Piyutim para duas hilulot: Rabi Shimon Bar Yochai Hakadosh e Rabi Its'chak Walid.²⁶



Figura 14 – Piyut para hilulá de Rabi Its'chak Walid.²⁷

Melul não teceu comentários nos seus escritos. Para se apreender o que esta celebração representou, vale mencionar o que a escritora paraense Sultana Levy Rosenblatt²⁸ registrou sobre esta *hilulá*:

Uma das razões que mais me atraía a Israel era visitar o túmulo de Rebi Shimon Bar Yohai. Rebi Shimon faz parte de nossa

²⁶ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

²⁷ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

²⁸ Belém, 1910, McLean (Estados Unidos), 2007.



família, da vida dos judeus sefaradim, provenientes do Marrocos. Crescemos ouvindo o seu nome diariamente, a todo instante, entre as mais comuns expressões, em todos os tons de exclamação. Se é um susto “Rebi Shimon!” Se uma criança corre o risco de cair – “Rebi Shimon!” – e a criança não cai. ... Apesar da religião judaica condenar a efigie da figura humana, o suposto retrato de Rebi Shimon sempre ocupa o lugar de honra nos lares, em grandes molduras, nas salas, ou em pequenas, à cabeceira dos enfermos e das parturientes. Como o elixir caseiro. Rebi Shimon é bom para tudo. A única maneira de demonstrarmos nossa gratidão pelas graças que dele recebemos, é prestar-lhe homenagem na sua *Hilulá*. [...]

Nos meus tempos de menina, a *Hilulá* de Rebi Shimon era a festa mais ansiosamente esperada, a mais brilhante da coletividade de Belém do Pará. Era uma festa de todos, sem seleção. Festa de cada um. Iniciava-se com uma quermesse. As moças preparavam trabalhos artísticos, exibidos como em competição, que eram disputados em lances fabulosos. Não havia uma só pessoa que deixasse de enviar sua contribuição para a *Hilulá*. Era como um dever sagrado do qual ninguém queria se eximir. E, assim, empilhavam-se dezenas de objetos, os mais valiosos, os mais modestos, conforme as posses e habilidades de cada um, e o resultado de sua venda era distribuído entre os necessitados da comunidade. Era uma *Hilulá* maravilhosa”.²⁹

Um registro mais antigo, de 1º de junho de 1919, publicado no jornal *Voz de Israel*, de Belém, relaciona todos os objetos entregues para o leilão da quermesse da *Hilulá*. A matéria do jornal menciona a celebração religiosa, o “Hatikvá”³⁰ tocado por uma orquestra, a quermesse com renda revertendo para benemerência, os petiscos servidos, o baile no salão comunitário enfeitado, que se estendeu até às três da manhã.³¹

A esses três homenageados com *piyutim*, Melul acrescentou o registro de mais uma pessoa, não na forma de um *piyut*, mas por uma cantiga que lembra obras trovadorescas medievais, que relatam a história da personagem. Trata-se de uma jovem; em vida, não há registro de milagre que ela tenha promovido; seu túmulo em Fez é procurado não só por judeus em busca de auxílio.

²⁹ ROSENBLATT, Sultana Levy. *Hilulá de Rabi Shimon. Morashá*. n. 28, abr. 2000.

³⁰ Naquela época, um hino sionista. Posteriormente, o “Hatikva” tornou-se o hino nacional de Israel.

³¹ *Kol Israel*, Anno I, n. 7, 1º jun. 1919.



A cantiga anotada na caderneta de Melul é testemunho de que nesse caso tratou-se de um relato do Marrocos e que repercutiu igualmente no Pará (Fig. 15).



Figura 15 – Cantiga *La heroína hebrea*.³²

A cantiga “La heroína hebrea”, em espanhol, baseia-se em fato ocorrido em Fez em 1834. Naquele ano, uma jovem de 16 ou 17 anos da comunidade judaica local, Sol Hatchouel,³³ natural de Tânger, foi sentenciada à morte e decapitada.

A terrível trama, que atingiu proporções épicas, narrada por inúmeros autores³⁴ e em formatos diversos, com versões diferentes, fala da beleza extraordinária da jovem e dos eventos que levaram ao seu fim trágico. Aborrecida pelas duras restrições impostas pela mãe que a vigiava, Sol confiava os seus sofrimentos à vizinha muçulmana; ou talvez tenha sido esta que a atraiu porque havia um muçulmano apaixonado pela jovem, que era inacessível por ser judia. A acusação sobre Sol, ou Solica, como era conhecida, foi que, tendo se convertido ao islamismo, abominara a crença sob alegação de que não podia deixar o judaísmo de seu povo. A vizinha teria desenvolvido a maquinação da conversão para que um casamento, de outro modo proibido, pudesse se concretizar.

Nada consta nos documentos oficiais marroquinos sobre Solica, ainda que existam anotações do século XIX de mandados de morte sobre judeus acusados de algum tipo de traição ou outro crime. O registro formal de Solica consiste no mausoléu no cemitério judaico de Fez, conforme se lê na inscrição em francês (Fig. 16):

³² Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

³³ O sobrenome é grafado de diversas maneiras, de acordo com a língua utilizada.

³⁴ Esta história foi registrada por autores judeus da Amazônia, assim como autores europeus.



Figura 16 – Tumba de Solica Hatchouel.³⁵

Ici repose Mlle Solica / Hatchouël / née a Tanger en 1817 / refusant de rentrer / dans la religion is / lamisme
Les arabes / l’ont assassinee a Fez / em 1834 arrachée e de sa / famille tout le monde / regrette cette enfant / sainte³⁶

Junto a ela, conforme se lê na tradução, a inscrição em hebraico é de teor diferente:

A lápide da justa Solica Hatchuel, uma donzela virgem que / Santificou grandemente o Nome do Céu e morreu como mártir / na gloriosa cidade de Fez no ano de 5594 (1834) [está] enterrada aqui / Que o Senhor a proteja / Que seu mérito nos proteja / Que seja a vontade de Deus.

Hoje, quando quase não há mais judeus em Fez, é espantoso que a visita ao mausoléu se amplia atraindo todo tipo de visitantes e devotos, judeus, muçulmanos e outros, que vêm por curiosidade ou por acreditar no poder curador de Lala Solica, como ela é denominada pelo título árabe, ou Solica Hatsadiká, Solica, a Santa. O relato de

35

Fonte:

https://www.google.com/search?q=tumba+Solica+Hatchouel&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR798BR798&sxsrf=AOaemvKrd2qbvi-INQxjvPe5EFgYBZVVLw:1638048520245&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewiAx7Ghvrn0AhUsrpUCHUTtAwIQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1440&bih=700&dpr=1#imgrc=NQV8O0tk7HzvJM..

³⁶ “Aqui repousa a senhorita Solica Hatchouel, nascida em Tânger em 1817, rechaçando voltar a entrar na religião islamismo, os árabes a assassinaram em Fez em 1834, arrancada de sua família, todo o mundo se lamenta por esta menina santa”. Inscrição na pedra tumular de Solica Hatchouel. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Sol_Hachuel. Acesso em: 21 nov. 2021.



resistência, paixão e martirológico tem sido uma fonte de inspiração para a cultura judaica marroquina.

Não temos a autoria da longa cantiga³⁷ copiada na caderneta. Melul copiou as onze quadras na sua bela caligrafia, com o breve comentário que fecha o assunto:

Ninguém se fie em amigas porque são verdadeiras traidoras!!

Exemplo: A heroína Sol

Opinião de Isaac P. Melul

9/7/1933 15 de Tammuz 5693

Melul somente frisou o que consta no texto original. Não se ateu a nenhum traço artístico ou à tragicidade do acontecido, mas reportou-se ao sentimento traiçoeiro da vizinha. Não há o espírito da exaltação de Sol como símbolo da comunidade judaica marroquina, como frisa Araceli González Vásquez que, como diversos outros autores, se dedicou ao estudo da martirologia judaica naquele país e que vê, nesse processo, que

Sol Hachuel se convierte en símbolo de la resistencia de la comunidad judía frente al hostigamiento de la comunidad musulmana, y de las violencias sufridas por una comunidad religiosa. Lo fundamental es el acento en el carácter heroico, martirial y sacrificial de la muerte de la joven, en la alevosía con que sus vecinas musulmanas obtienen (o fingen) su conversión al Islam, y en la severidad de las autoridades musulmanas que la juzgan y condenan a muerte por apostasia.³⁸

Melul também não faz referência a manifestações antijudaicas que o assunto despertou no Marrocos. É ainda González Vásquez, que, citando Kenbib, menciona:

Así, en 1933 tuvieron lugar en Alcazarquivir diversos incidentes violentos con motivo de una representación escolar sobre Sol Hachuel en la que participaban niños judíos. Fue acusado como instigador un musulmán converso llamado Abdallah Islami, cuyo anterior nombre era Hans Richter.³⁹

A transcrição de Melul é testemunho de que a história de Solica era conhecida pela comunidade local e a cantiga era de domínio amplo. Vários estudiosos dos judeus da Amazônia fizeram menção ao assunto. Houve mesmo indicação da representação da peça baseada na trágica história por membros da comunidade judaica.

³⁷ O texto, assim como sua gravação musicada, pode ser encontrado na mídia eletrônica.

³⁸ VÁZQUEZ, 2015.

³⁹ KENBIB, 2002 .



Como a data exata de sua execução é desconhecida, a *hilulá* anual de Solica é realizada em maio ou junho, coincidindo com a *hilulá* do rabino Chaim Hacoheh, outra personalidade santificada enterrada no cemitério judaico de Fez.

Dos registros de Melul, pode-se medir o seu empenho na realização proficiente dos papéis que pôde cumprir junto à comunidade belenense. Se, por um lado, empenhou-se em ampliar o número de *piyutim* para prazer próprio e dos que os ouviram nas ocasiões específicas, por outro lado, muitos dos outros itens apostilados indicam a extensão da atividade pública, o imperativo de escrevê-los em português com um mínimo de detalhes como um registro formal, memo muitos anos após a sua realização, conforme se pode entender pela anotação de um conjunto de cerimônias realizadas vários anos antes, em contraste com as demais que eram escritas em data muito próxima de sua realização. Os poucos casos em que os registros de casamentos foram falhos (esquecimento de nomes de nubentes, mencionados pelos dados “filho de..., filha de...”) (Fig. 17) não desmerecem a importância das anotações, a maioria das quais é bastante nítida.



Figura 17 – Bênçãos do casamento.⁴⁰

A indicação de que algum nubente era desquitado, condição que conta com detalhes específicos no casamento judaico, ou que provinha de outro estado brasileiro, foram itens que mostraram a preocupação de Melul de anotar o que era importante. Pelo registro verifica-se, ainda, que alguns casamentos ocorreram com cônjuges de origem

⁴⁰ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.



asquenaze, viés da população judaica raro no estado do Pará. Certamente sabedor das bênçãos e orações pronunciadas na cerimônia nupcial, Melul, entretanto, como é hábito nesta e em outras cerimônias, não as pronunciava de cor. Talvez na falta de um livro com o texto específico para tais ocasiões, tinha o mesmo copiado primorosamente no seu caderninho, com a letra de forma como convinha a um texto-documento e não em solitreo. Lemos ainda na caderneta o texto correspondente que era pronunciado em português.

Melul registrou aproximadamente 60 casamentos que realizou, em Cameté e em Belém, sendo que, nesta cidade, o local da cerimônia foi a sinagoga Sahar Hachamaym. É provável que a relação não seja completa pois há grandes períodos sem anotações. Os casamentos que constam agrupam-se de 1933 a 1936, 1945, de 1952 a 1963. Mais surpreendente, porém, é o registro de duas bodas realizadas ainda no século XIX, em 1895.

Entre os casamentos, encontram-se alguns registros de categoria diversa, como nascimentos de netos, bisneto e algum falecimento. Há ainda o nome de um *mohel*, David Azulay, que realizou a circuncisão de um afilhado de Simão Isaac Bentes, no segundo dia de *Rosh Hôdesh*, celebração do início do mês de Adar 1. A informação de se tratava do segundo dia de *Rosh Hôdesh Adar 1*, o início do mês, indica que a data fixa pelo calendário hebraico era prevalente na região.

Dentre outras atividades historiadas, destaca-se o arrazoado que escreveu em português sobre a função de *shochet* (Fig. 18).

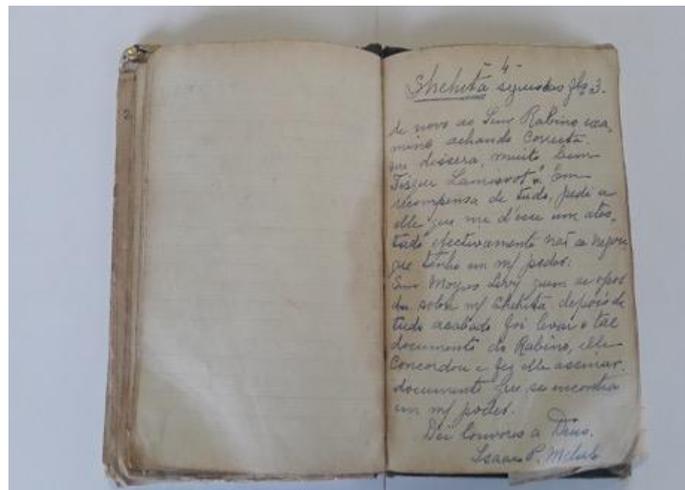


Figura 18 – Relatório sobre *shechitá* (abate ritual).⁴¹

É um relato em que se percebe a preocupação e o respeito de Melul pela tarefa que é sagrada na religião judaica. O tom com que descreve os seus conhecimentos e responsabilidade é de firmeza, deferência e singeleza. Diversamente da cerimônia do casamento que pode ser oficiada por qualquer judeu que esteja capacitado a ler e a

⁴¹ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.



preencher o documento necessário, o *shochet* somente pode atuar com o título obtido através de provas de grandes conhecimentos veterinários segundo as leis judaicas, adequadas para comprovar que o animal é próprio para o consumo do ponto de vista de condições sanitárias e conhecimento das regras específicas sobre o próprio abate. Há cerca de cem anos, as pequenas comunidades do nordeste e do norte brasileiro careciam de abatedores rituais. É possível que algumas pessoas soubessem como eram feitos os procedimentos, mas não tinham o título específico para se ocupar deles.

A posteriori, Melul, reportando-se aos anos 40, conta a respeito da demonstração de capacidade para o ofício exposta perante uma comissão composta por três ou quatro membros da comunidade, mais um rabino. Tal demonstração, segundo se pode inferir, fora provocada pela sua interdição no ofício solicitada por um outro membro da comunidade, um tal de Moysés Levy. A comissão foi composta por Messod Amós, Abn (?) Amós, Isaac Yair e mais alguém de quem ele não se recordava, além do Rabino Shalom Sarraf (citado como Grão-Rabino), chegando de Tebaria (Tiberíades). Melul foi sabatinado primeiro sobre todas as leis pertinentes ao ofício. A descrição de Melul dá conta da dificuldade do tema, assim como do autodomínio nas respostas e da confiança na Proteção Superior, e de sua satisfação em provocar o espanto da comissão:

[...] toda calma respondia de fato as perguntas (sic) que me faziam. No entanto parece que a Providência divina me amparou. Fui respondendo efetivamente. Coisa por coisa, de modo que todos (sic) os assistentes ficaram atônitos, um olhando para outro, calculando que não seria capaz ter ... sciencia completa dos Dinim de Shechitá.⁴²

A segunda parte da prova teve o exame de uma faca de *shechitá* como tema. Entregaram-na ao questionado depois de malhá-la tanto a ponto de parecer um serrote e solicitaram-lhe que a tornasse apropriada para o uso pretendido, sem apresentar qualquer *peguimá* (defeito que a tornava inapropriada). Pelo relato de Melul, verifica-se que sabia dar conta disso, trabalhou-a por um quarto de hora para deixá-la aparentemente hábil para o uso, mas manteve um minúsculo ponto imperfeito e com esse ponto demonstrou seu conhecimento apontando para a falha e a corrigiu em poucos minutos.

A comissão, presidida pelo mencionado rabino, ratificou a sua capacitação para ser abatedor ritual e, a pedido de Melul, entregou-lhe um atestado qualificando-o, assinado por todos, e que o interessado manteve consigo daí para diante. Melul concluiu o registro do assunto com as palavras “Dei louvores a Deus”. Não é provável, pela idade com que saiu do Marrocos, que tivesse vindo ao Brasil com esse conhecimento.

⁴² Leis do abate ritual.



Se bem que os registros de Melul apontem para a intenção principal do bem-estar e proteção dos membros de sua comunidade, por meio dos escritos que se inserem no campo religioso, como homem comum de sua época, aparentemente não dotado de estudos científicos aprofundados, é apenas natural que todos os meios de preservação da vida humana e de sobrepujar as dificuldades cotidianas mereciam ser registrados para uso nos momentos propícios. Mais ainda, quando se tratava de situações perigosas para as quais não existiam ainda suficientes meios de prevenção e proteção. Uma mordida de cachorro louco ou o momento de dar à luz demandavam forças especiais para se sobrepor aos respectivos riscos. Um dos registros mais curiosos, anotados por Melul, refere-se à indicação para a cura de mordida de cachorro louco, como se lê a seguir (Fig. 19):

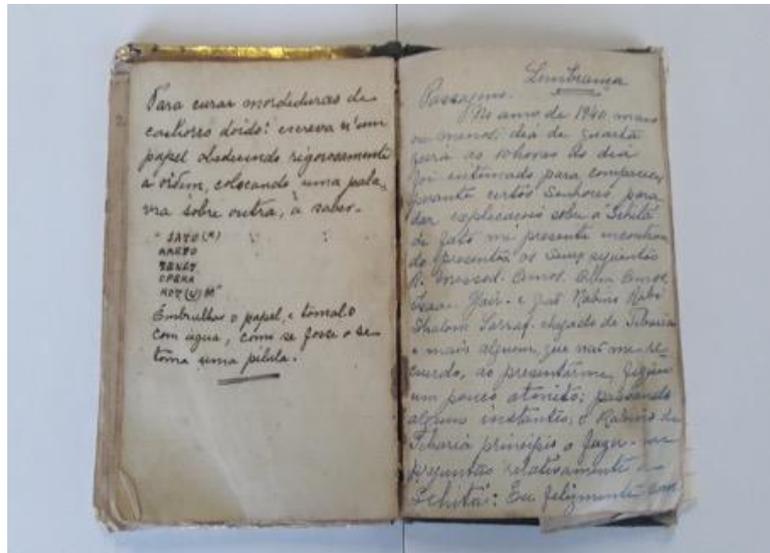


Figura 19 – Fórmula para tratar mordedura de cachorro louco.⁴³

Para curar mordedura de cachorro doido escreva n'um papel obedecendo rigorosamente a ordem, colocando uma palavra sobre a outra a saber

SAPO (R)

PRETO

TENET

OPERA

KOT (4)M

Embrulhar o papel e tomal-o com agua como se fosse e se toma uma pilula

Sem referência em qualquer outra fonte, parece permitido inferir que esse “tratamento”, devido aos termos utilizados, fosse vinculado à cultural local e não à judaica. Quanto aos partos, para os quais sempre houve e continuam havendo talismãs

⁴³ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.



escritos na tradição judaica, provavelmente Melul não inovou ao registrá-los ou prescrevê-los.

Um amuleto é um objeto ou uma joia, que se acredita possuir certos poderes mágicos de proteção. A tradição judaica geralmente se opõe à magia e feitiçaria, bem como a objetos nos quais as pessoas possam acreditar que possuem poder independente de Deus.

No entanto, os amuletos têm uma longa história (Fig. 20) na prática judaica, e seu uso foi aceito pelos antigos rabinos, que pareciam acreditar em seu poder. O Museu Judaico possui diversos exemplo de amuletos provenientes, na maioria, dos sefarditas da Turquia. Em geral, estão apenas copiados em papel. Melul não escapa à prática intensamente difundida entre judeus sefarditas.

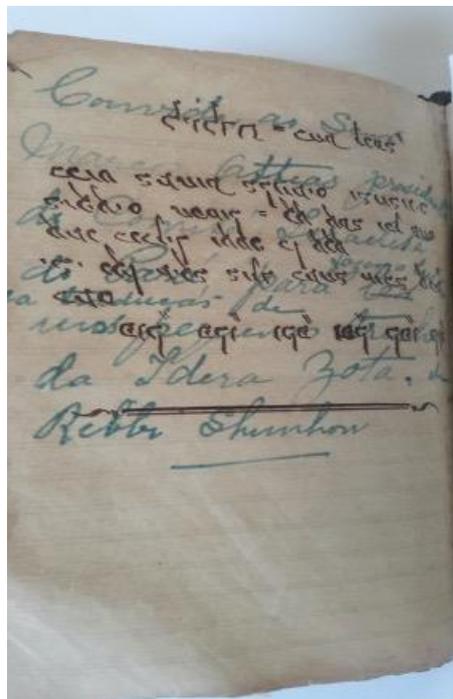


Figura 20 – Talismã para parturiente.⁴⁴

Na página em que traçou uma estrela de Davi, infere-se que é típico de um amuleto para proteção de parturiente, como sugerido pelos nomes legíveis dos três anjos defensores, Sanvai, Sansavai e Smangalof, protetores contra a sanha da cobiçosa Lilith, copiados no topo da página (Fig. 21).

⁴⁴ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

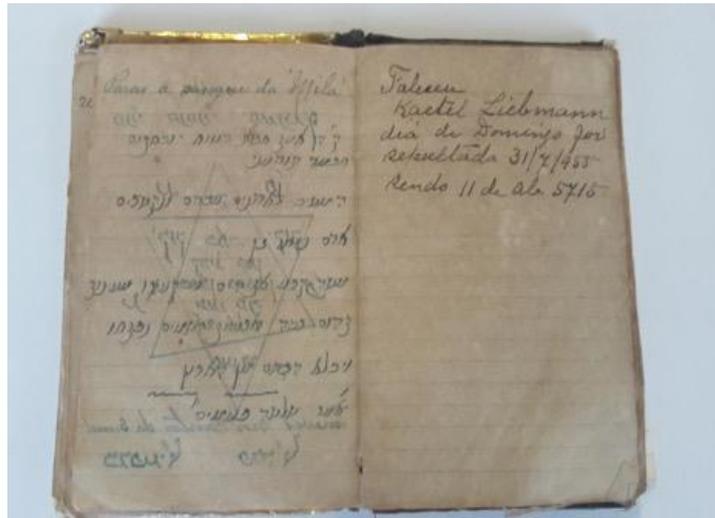


Figura 21 – Amuleto de simpatia.⁴⁵

Na parte inferior, em português, instruções sobre as siglas que deviam ser escritas nos cantos da página. Talvez esteja vinculado à indicação constante no verso da mesma página, de como conter o (excesso?) de sangue na cerimônia da circuncisão. De todo modo, o perigo que rondava era o mesmo, a sanha de Lilith.

Um outro registro próximo a esta categoria, é o *Goral*, (Fig. 22), vocábulo que significa destino ou sorte. Está indicado que era utilizado para se saber a respeito de uma moléstia.

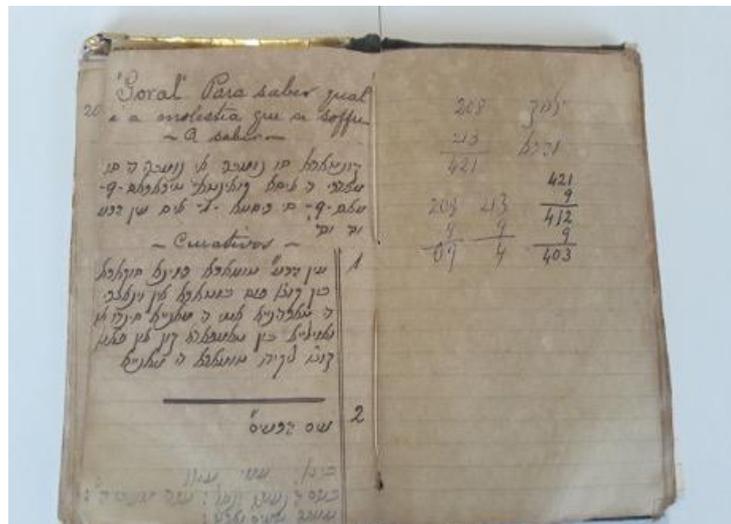


Figura 22 – Amuleto para *goral* – relativo à doença.⁴⁶

Um líder comunitário ou um chefe espiritual da comunidade, título que lhe foi atribuído pelo Centro Israelita do Pará, (Fig. 23), demanda que aquele que o ostenta, no caso – Melul - esteja capacitado a agir ou a atender os correligionários em todos os

⁴⁵ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

⁴⁶ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.



momentos, mesmo que a demanda não seja pertinente à sua posição. É neste contexto que o pesquisador, que tem em mãos uma caderneta do naípe da que Melul deixou, precisa entender a motivação para cada um dos registros.

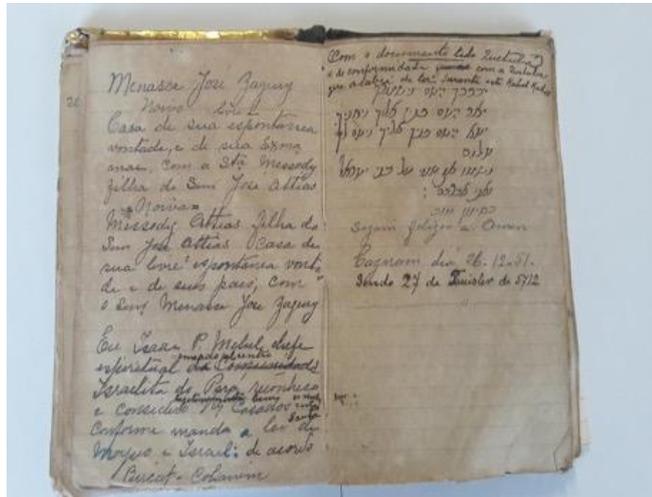


Figura 23 – Melul, chefe espiritual.⁴⁷

Melul registrou enigmas. É conhecido o relato bíblico do Primeiro Livro de Reis⁴⁸ e do Segundo Livro de Crônicas⁴⁹ (Fig. 24) da visita da rainha de Sabá ao rei Salomão, que, para comprovar a sua sabedoria, o interrogou com uma série de enigmas.

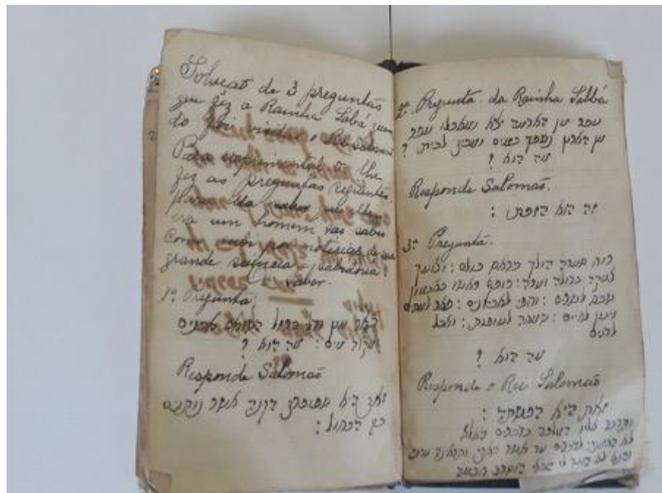


Figura 24 – Três perguntas da Rainha de Sabá.

Os enigmas com os quais a rainha provou a sabedoria real somente foram redigidos séculos mais tarde, no *midrash*. Teria Melul feito uso dos enigmas para ensino e para diversão? Não há condições de, na escrita borrada grafada em solitreo, saber exatamente a quais enigmas Melul se referiu (Fig. 25).

⁴⁷ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

⁴⁸ I Reis 10:1-13.

⁴⁹ II Crônicas 9:1.12.

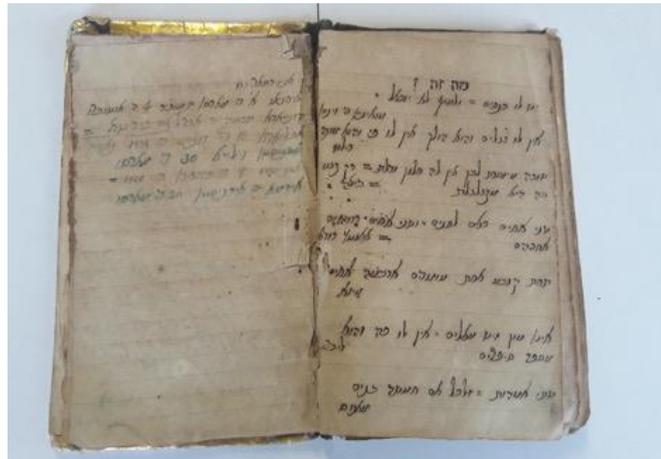
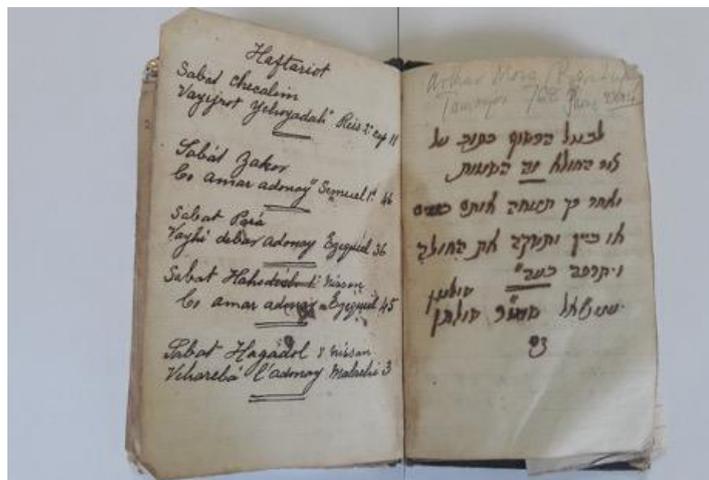


Figura 25 – Enigmas e charadas.⁵⁰

Uma outra categoria de anotação de Melul que prende a atenção é aquela referente ao registro de nomes que apontam para alguns dos trechos de leitura da Torá – o pentateuco – na sinagoga. A leitura de um trecho da Torá é feita semanalmente diretamente dos rolos manuscritos em pergaminho, e esta sequência foi estabelecida há centenas de anos, no período do cativo da Babilônia. Melul anotou apenas quatro destes trechos tanto na caderneta como em um papelzinho avulso que estava dentro da mesma, o que os torna portadores de um caráter particular. Trata-se das Quatro *haftariot*.

Há quatro sábados, em datas próximas às celebrações das festas de Purim e de Pêssach em que, além da leitura do capítulo da Torá, (Fig. 26) é feita a leitura de mais um capítulo, cujo teor é instrução estrita sobre assuntos da maior importância referentes aos temas relacionados à celebração. Para a leitura desses quatro capítulos extras, é retirado um segundo rolo da Torá da arca sagrada e é nele que se faz a leitura do capítulo adicional.



⁵⁰ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.



Figura 26 – Haftariot.⁵¹

Entre os quatro sábados mencionados pode ocorrer um ajuste de calendário, como o início de um novo mês, e é preciso ler mais um capítulo relativo a isso, para o que é preciso recorrer a um terceiro rolo da Torá. A abertura de cada rolo e a busca do trecho pertinente em cada um deles requer conhecimento da procura, uma vez que não se trata de capítulos sequenciais. É uma tarefa que demanda algum tempo, que pode ser realizada com antecedência durante a semana. Melul anotou estes sábados pelos nomes dos capítulos de profetas que acompanham estas leituras extras.

Ao encerrar a sua brochura com a cópia do “Hatikva” (Fig. 27) colada na última página, pode-se dizer que este documento do Museu Judaico de São Paulo sintetiza a vida judaica de Belém do Pará: Melul embelezou a vida judaica com os poemas e manteve altaneira a sua convicção sionista, as duas bandeiras da sua comunidade. Os demais itens, além de serem o registro de uma comunidade, são testemunho de tudo aquilo que o ilustre *saliach* doou de si e com que enriqueceu seus conterrâneos na capital paraense.



Figura 27 – Hino “Hatikvá”⁵²

Referências

ELIEZER LEVY. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eliezer_Levy. Acesso em: 21 nov. 2021.

HAZMANÁ LEPIYUT – *An invitation to pyut*. Disponível em: <http://old.piyut.org.il/about/english/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

HELLER, Reginaldo Jonas. História das Comunidades “Los Nuestrós” Os marroquinos na Amazônia. *Portal Amazônia Judaica*. Disponível em:

⁵¹ Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.

⁵² Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Fotografia: Silvia Judith Tarasantchi.



<https://www.amazoniajudaica.com.br/2019/08/23/historia-das-comunidades-los-nuestros-os-marroquinos-na-amazonia/>. Acesso em 21 nov. 2021.

INSCRIÇÃO na pedra tumular de Solica Hatchouel. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Sol_Hachuel. Acesso em: 21 nov. 2021.

KOL ISRAEL, Pará, n. 7, 1 jun. 1919.

KOL ISRAEL, Pará, n. 20, 20 jan. 1919.

MELUL, Isaac P. *Piyutim de Isaac P. Melul*. Belém do Pará, [s.d.].

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Hilulá de Rabi Shimon. Morashá*. n. 28, abr. 2000.

VÁZQUEZ, Araceli González. La institución del culto a la santa-mártir judía sefardí Lalla Solika de Fez. Reflexiones desde la Historia, la Antropología y la Literatura in *QuAnders-e. Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia, Barcelona: ICA*. n. 20 (2) Any 2015, p. 126-143. Disponível em: <https://www.raco.cat>. Acesso em: 21 nov. 2021.

KENBIB, Mohammed. Quelques éléments de la politique culturelle de l'Espagne au Maroc em zone nord du Protectorat. In: MEDIANO, Rodriguez, F.; FELIPE, H. de (ed.) *El protectorado español em Marruecos: Gestión colonial e identidades*. Madrid: CSIC, 2002. p. 63-84.

Recebido em: 23/11/2021.

Aprovado em: 23/11/2021.